

Se alguém vos annunciar
outro Evangelho além do
que já recebestes, seja ana-
thema.

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

A REFORMA

Não creaes a todo o espí-
rito, mas provae se os espí-
ritos são de Deus; porque
já muitos falsos prophetas
tem vindo ao mundo.

1.ª S. João IV, 1.

Pregai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15

FOLHA EVANGELICA

II ANNO

PORTO, 17 DE OUTUBRO DE 1878

NUMERO 6

A «PROPAGANDA CATHOLICA»

E O

LIBERTADOR DAS ALMAS DO PURGATORIO

II

Chegou alfim a annunciada resposta da «Propaganda Catholica» ao emprasamento que lhe fizemos no numero 3 da nossa folha, sobre a existencia do *purgatorio* além-mundo.

É grato termos de declarar aqui que, d'esta vez, a «Propaganda» não insulta, questiona; não circumvagueia, responde no campo dos principios.

A questão pois, encetada por nós, está bem collocada, e agora só nos resta appellar para o publico, a fim de que elle a julgue imparcialmente, depois de ouvidas as allegações e impugnações das partes.

Abre a «Propaganda» o seu artigo publicado no numero 40 por esta forma:

«Haverá sempre um purgatorio?

«É certo que o purgatorio hade durar até ao juizo universal, mas não ultrapassará esse tempo».

Depois intenta provar esta these com argumen-
tos de tres especies:

1.º Tradição.

2.º Ensino da Igreja.

3.º Textos biblicos.

Agora nós:

P. Ha um *purgatorio*?

R. Não. Mas a «Propaganda» prova-o pela tradi-
ção?

A *tradição* não tem fé em juizo para que se possa invocar o seu testemunho, e principalmente, quando se tracta de pontos fundamentaes da religião.

A *tradição* nas mãos da igreja romana tem sido uma arma terrivel. Com ella ataca e defende simultaneamente, e é a *tradição* que tem feito com que aberta e claramente, possamos dizer e affirmar que a Igreja de Roma prefere á palavra de Deus a palavra dos homens.

Attente a «Propaganda» nas razões em que nos fundamos, para regeitarmos *in limine* a tam apregoada *tradição*.

Se as santas Escripturas encerram e contêm tudo o que é sufficiente e necessario para a nossa salvação, para que socorreremo-nos, em taes casos, ao testemunho dos homens, que só principiaram a ser *infalliveis* desde Pio IX, para cá? Quem é que poderá dizer em boa fé, e com a mão posta na consciencia, que a *tradição* da igreja é authentica? Como provar essa authenticidade e appellar para o tal *consenso unanime* dos Santos Padres, se elles uns aos outros se contradizem nos mesmos pontos de doutrina?

E quando isto não colha, temos a palavra de Deus que adverte o seu povo contra o uzo da *tradição*.

«E vós tambem porque transgredis o mandamento de Deus pela vossa *tradição*?»

Assim é que vós tendes feito vão o mandamento de Deus pela vossa *tradição*».

Em vão pois, me honram ensinando doutrinas e mandamentos que vêm dos homens.» (S. Math. XV, 3, 6, 9).

«Vós não ajuntareis, nem tirareis nada ás palavras que eu vos digo.» (Deut. IV, 2).

«Faze sómente em honra do Senhor aquillo que te ordeno: sem ajuntar, nem tirar nada.» (Deut. XII, 32).

«O que me despreza e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue: a palavra que eu tenho fallado, essa o julgará no dia ultimo. (S. João XII, 48).

«No dia em que Deus, SEGUNDO O MEU EVANGELHO, ha de julgar as coisas occultas dos homens, por JESUS CHRISTO.» (Rom. II, 16).

«Mas ainda quando nós mesmos ou um anjo do Céu vos annuncie um Evangelho differente do que nós vos temos annuciado, seja anathema. Assim como já vol-o dissemos, agora de novo tambem vol-o digo: se algum vos annunciar um Evangelho differente de aquelle que recebestes, seja anathema.» (Gal. I, 8, 9).

«PORQUE DEIXANDO O MANDAMENTO DE DEUS, OBSERVAES CUIDADOSAMENTE A TRADIÇÃO DOS HOMENS. VÓS BEM FAZEIS POR INVALIDAR O MANDAMENTO DE DEUS PARA GUARDARDES A VOSSA TRADIÇÃO.» (S. Marc. VII, 8, 9).

«Estae sobre aviso para que ninguem vos engane com philosophias e com os seus fallaces sophismas *segundo a tradição dos homens*, segundo os elementos do mundo, e não segundo Christo.» (Col. II, 8).

«Não dêem ouvidos ás fabulas Judaicas, nem aos mandamentos d'homens que se apartam da verdade» (Tito, I, 14; veja-se tambem Prov. XXX. 6; Apoc. XXII, 18).

Que argumentos pôde agora a «Propaganda» apresentar para destruir o que a palavra de Deus diz?

Poderá sophismar; mas responder cathegoricamente, não, nunca.

Se a «Propaganda» deseja provar pela *tradição* a existencia do *purgatorio*, necessariamente ha de concordar que tal *tradição* não foi constante nem tam pouco é apostolica, como diz o collega. Se assim fosse, a doutrina do *purgatorio* figuraria no ensino da igreja primitiva. Mas que é o que nos diz a historia? Diz-nos que o *purgatorio* foi *arranjado* e a sua doutrina confeccionada pelo concilio de Florença, no anno de 1:438. Logo, «nem sempre existio o *purgatorio*» como diz a «Propaganda».

Não se pôde tirar outra conclusão dos principios estabelecidos pelo collega.

A doutrina do *purgatorio* só se pôde sustentar pelo lado da ambição da igreja romana. O *purgatorio* constitue uma das principaes fontes de receita para a Igreja, como já tivemos occasião de dizer, e d'ahi as missas e orações pelos mortos, quando é certo que nós fomos sarados pelas chagas de Jesus, o qual perdoa sempre porque elle é o mesmo HONTEM, HOJE e ETERNAMENTE. (1.ª Ped. II, 24 — Hebr. XIII, 8).

Para o numero seguinte, guardando a ordem dos argumentos apresentados pela «Propaganda» fallaremos do ensino da igreja romana, com que aquella folha demonstra a existencia do *purgatorio*, pelo caracter de apostolicidade que lhe attribue, — o que é d'uma falsidade inaudita, como provaremos.

Havemos pela nossa parte, e segundo os nossos minguaos recursos protestar contra semelhante heresia. A igreja romana seja tudo o que quizer, menos uma igreja APOSTOLICA.

Fallaremos no proximo numero.

G. D.

ANOTAÇÃO A UMA CARTA D'UM PADRE

IV

(Continuado do n.º antecedente)

«Mas o tal homem das «Noites», torno a dizer, foi muito infeliz na escolha de seus textos e mesmo eu lhe podia apresentar coisas melhores para o seu caso». (Infelizmente, conserva a luz debaixo do alqueire, e esperamos em vão por estas coisas melhores).

O que está no Deut. cap. VI, v. 6 e 7, paginas 55 precisa ler-o todo para se conhecer o sentido: no v. 4 e 5 diz:—Ouve Israel, o Senhor nosso Deus é só um, ama o teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma com todas as tuas forças, «e segue o que está no tal livro». E ESTAS PALAVRAS que eu hoje te intimo estão gravadas no teu coração etc.» Devêras, querido M.— se em vez de ler as tuas «Noites», lesse só a Sagrada Escripura, disparava menos».

O padre ao menos recommenda a leitura da Biblia, para elle tão difficil e tão pouco conhecida, que n'este ultimo parrafo tropeça d'uma maneira incrível. Naturalmente quer inculcar que a phrase «estas palavras» só se refere ao preceito antecedente, ao passo que o exame do livro faz bem patente que Moysés significa toda a lei referida n'esse dia que havia de ser recordada, ensinada e decorada por todas as gerações; quanto mais lida! «Tu as referirás a teus filhos». O padre esqueceu-se d'isto: a palavra de Deus, annunciada por Moysés, devia entrar na instrucção da familia e em todas as experiencias de cada dia. (Veja-se a passagem).

Segue o padre:

Os mais textos que cita, pag. 55 a 56, provam que a Sagrada Escripura lia-se ao povo pelos Padres como Josué, Esdras etc. Isto mesmo é o que se faz ainda hoje. A Santa Igreja nunca prohibiu que os Padres lessem e explicassem a Sagrada Escripura ao povo, até os obriga aos domingos. O M. está enganado; o que prohibiu e prohibe é que leiam sapateiros, alfaiates, negociantes, ou homens indoutos e inconstantes etc., como diz S. Pedro no texto atraz citado».

A julgar pelas palavras do padre, os pobres al-

faiates etc. têm menos senso commum, ou são d'um quilate intellectual inferior ao dos padres, ou então dirá talvez que estes teem mais luz do céu que aquelles.

Na verdade, o nosso padre não o prova. Chama a Josué um *padre*. Consulte 2.º Paratip. VII, 27, e verá que Josué era da tribu de Ephraim e não de Levi. Ahi está descripto em Josué VIII, 34 45, como esse veneravel e corajoso general leu toda a lei diante do povo, homens, mulheres e crianças, e o nosso padre, para tirar a força á argumentação fundada n'esta passagem, classifica-o falsamente como padre. Estas asserções são como as mais com que a *infallivel* igreja romana procura abafar o pensamento e a liberdade do homem.

Quanto ao resto, diz o padre que esta leitura «é o que se faz ainda hoje». Ignoramol-o. Poderão explicar á sua feição textos destacados, mas ainda não ouvimos fallar em padre que, perante as restricções conhecidas da sua igreja, ousasse collocar-se com a Biblia na mão diante do povo a ler na lingua vulgar a palavra do Senhor, ou a traduzil-a do original para fazer comprehender o sentido do texto. Isto é o que se não faz.

R. H. M.

[Continua].

Anniversario Portuguez nos Estados Unidos

Do «Illinois Journal» de 28 d'agosto traduzimos o seguinte:

Depois que as familias portuguezas que sahiram da Madeira em 1846, por motivo da perseguição religiosa, e chegaram a Springfield e Jacksonville em 1849, duvidamos se jámais celebraram uma festa tão alegre como aquella do dia 23 do corrente em que festejaram o 32.º anniversario do seu exilio da sua patria e da sua emancipação da intolerancia e perseguição religiosas, com uma grande demonstração em Carpenter's Grove, ao norte d'esta cidade. As causas do seu exilio já foram expostas em artigos historicos e outras noticias do anniversario, durante os ultimos dias.

Quando na manhã do dia alludido, chegou o comboyo de recreio através do Wabash, trazendo doze wagons, apearam-se cerca de mil passageiros, sendo estes os irmãos de Jacksonville que tinham vindo a tomar parte na celebração com os portuguezes de Springfield.

Estes vieram á estação recebel-os, e juntos procederam nos carros americanos ao terreno destinado á festa.

Aqui tinham sido feitos os mais amplos preparativos para a recepção dos milhares reunidos — pois tinham chegado da cidade de Springfield um sem numero de cidadãos, contando entre elles varios cavalheiros e senhoras de alta posição. Viam-se mesas compridas, alguns bois tinham sido assados, e havia uma abundancia de frangos, pão, bôlos etc.

O grande pavilhão era objecto de especial interesse. Na frente apresentava uma grande bandeira americana, e n'um quadro elevado atraz dos assentos dos cantores e junto a uma bandeira, estava pintada uma scena que representava a partida dos exilados das ilhas. Via-se ahi a barca «William» de Glasgow, em que sahiram os primeiros emigrados, no anno de 1843, no

acto de passar o forte *Ilheo*, uma fortaleza escarpada que guarda a entrada do porto de Funchal, capital da Madeira.

Via-se igualmente a bandeira nacional, as usadas como signaes na alfandega e outras repartições do governo.

No fundo da estampa estava escripta a legenda, «Vivam os Madeirenses».

Foi chamada á ordem essa vasta assembleia pelo presbytero J. Sylvester, d'esta cidade, o «Moderador», e o diacono M. Affonso declarou o fim d'aquella reunião.

O côro de Springfield, contando vinte e duas vozes, com dois tantos de cantores de Jacksonville, sendo conductor o snr. J. J. Sylvester, collocaram-se em volta do pavilhão, e cantaram magnificamente um hymno de bemvinda.

O rev.º M. E. Pires, fez em seguida oração, e era notavel o comportamento reverente do vasto curso.

Depois d'outro cantico portuguez, leu o «Moderador» uma carta (tambem em portuguez) escripta pelo dr. Kalley, o missionario que conduziu os emigrados a esta terra. O snr. Dr. tambem enviou diversos retratos proprios, afim de serem distribuidos entre os mais velhos dos emigrados presentes que o conheciam.

Tomou-se em seguida uma nota dos chefes de familia que chegaram ao principio da emigração, e que ainda são vivos.

Seguiu-se então um hymno em portuguez. Acajado este, na ausencia do snr. Hele, orou o snr. José Cherry, de Virginia, no condado de Cass, sendo muito bem recebido pelos que entendiam a lingua portugueza. Damos um trecho d'uma carta escripta na epocha da emigração pelo snr. Hale:

«Estamos muito occupados n'estes dias attendendo aos nossos irmãos, os emigrados portuguezes. Chegaram no principio do tempo mais rigoroso, o qual teem de aturar conosco.

Estão pouco acostumados ao frio, e como a cidade estivesse muito cheia de gente quando elles chegaram, era quasi impossivel preparar-lhes habitações; moradas onde estivessem á vontade não haviam, por que tudo estava cheio. Fizemos, porém, o possivel n'estas circumstancias, e esperam tempo mais favoravel. Consta-me que estão contentes e satisfeitos.

Muitos d'elles arranjam trabalho com bom jornal e prompta paga. São muito estimados como trabalhadores, e breve poderão tomar conta de si, sem auxilio dos outros. Com effeito, é de desejar que não se façam pesados por muito tempo aos seus semelhantes.

Se mantiverem os seus principios religiosos e continuarem a ser dedicados ao trabalho, ha para elles só um destino n'este paiz, «a abundancia e a independencia».

Cantou-se então um hymno em inglez, depois do qual fallou o snr. R. V. Diller, contando em resumo a historia dos exilados, a sua chegada e o seu bom comportamento como cidadãos. Em conclusão exhortou-os a que permanecessem fieis aos principios religiosos pelos quaes abandonaram a sua patria, e vieram a esta abençoada terra de liberdade religiosa.

Serviu-se então um abundante jantar, dado pelos irmãos de Springfield.

Á tarde, reuniram-se outra vez os assistentes, e depois d'um cantico fallou o Governador Palmer, manifestando a sua viva sympathia pelo objecto d'essa reunião. Disse que estava alli por acaso. Tinha ouvido contar a historia d'este povo, e durante bastante tempo tinha conhecido muitos d'elles. Tinha elle vindo, não para orar, mas atrahido tão sómente pelo

facto notavel de que era esta uma reunião de emigrados estrangeiros com o fim de celebrarem a sua expulsão da sua patria, e commemorarem assim uma epocha importantissima da sua historia. De facto (acrescentou o orador), todos os habitantes d'esta terra são estrangeiros ou filhos de estrangeiros, e a isto deve attribuir-se a politica liberal do paiz, que acolhe os que são expulsos de outras terras pelas suas opiniões. Os «Paes Peregrinos» tambem vieram aqui afim de adorarem a Deus, segundo a sua consciencia.

Vieram, porém, a uma terra nova, deserta, em quanto que vós viestes a um paiz já desenvolvido. É verdade que viestes pobres e desamparados, mas fostes acolhidos com toda a amisade. Pela vossa industria e economia, tendes prosperado. D'este modo a Providencia que dirige tudo, fez sabir beneficios das tribulações que causaram o vosso exilio. Sem duvida foram terriveis as privações e soffrimentos que vos levaram a abandonar a vossa terra natal, mas fostes mais que compensados pelas vantagens que aqui gozaes com os vossos filhos, e isto como resultado da vossa ardente devoção ao maior de todos os direitos, a liberdade de pensardes e adorardes ao Ser Infinito segundo a vossa consciencia. Tendes conquistado grandes beneficios, e dou-vos os parabens pela prosperidade, saude e vantagens que vós, juntamente com os vossos filhos, gozais n'esta terra livre. Espero que continueis a ser assim abençoados. (Applauso).

Em seguida o rev.º M. E. Pires fez a oração do dia. Disse que por si e em nome do povo agradecia ao Governador Palmer as suas expressões benevolas, e esperava que os portuguezes, pelo seu comportamento continuariam a merecer essa boa opinião. A existencia de duas colonias em Illinois, — uma em Jacksonville e outra em Springfield — não deve causar espanto, visto demonstrar a historia que os portuguezes foram no seu tempo o principal povo colonizador.

Muito antes dos hollandezes e inglezes, os portuguezes conquistaram a India, e fundaram colonias nas costas da China e Africa, nas ilhas e no Brazil.

Com effeito, não ha terra onde se não encontrem portuguezes. São elles um povo cosmopolita, adaptando-se facilmente aos costumes dos paizes para onde emigram, e tem-se ligado com todos os povos. É difficil construir a arvore genealogica dos portuguezes; mas a historia mostra que pelos seus elementos são cosmopolitas. Portugal foi habitado primitivamente pelos celtas, ibericos, em seguida pelos phenicios, e gregos, no tempo do imperio romano.

Depois pelos cartaginezes e romanos. Depois d'isso vieram os allemães, godos da Scandinavia, depois os arabes e sarracenos; como tambem os judeus.

As colonias dos francos do norte, dos flamengos e cruzeiros inglezes eram em grande numero. O elemento preponderante é o musarabico, modificado pelo sarraceno. De maneira que se vê que quasi todas as nações teem contribuido para o augmento de Portugal.

Alguns, n'esta terra, zombam de nós, querendo descobrir em nós uma semelhança da raça preta. Esta, porém, vem pelo nosso sangue mourisco.

Somos parecidos com os mouros, mas não me envergonho d'isto, quando considero quão valorosos foram os mouros, e como primavam nas artes e sciencias. Fizeram tremer Roma no auge do seu poder. Não, não nos envergonhamos do nosso sangue mourisco, do nosso parentesco com aquelle denodado povo africano.

Em 1838, pela providencia de Deus, foi o Dr. Kalley induzido a trazer-nos á ilha da Madeira a Biblia aberta. Esta opposição á religião do estado acar-

retou-nos grandes injurias e perseguições. Quando não se podia soffrer mais a oppressão das authoridades da egreja romana, um grande numero da nossa gente emigrou, de 1845 para diante. Viemos ter a esta terra livre onde é permitida e sustentada a liberdade de consciencia.

O governo e povo inglezes forneceram a passagem, o povo americano abriu-nos os braços, deu-nos alimento e roupa, e transportou-nos para cá de graça. Chegamos em novembro de 1849, e o povo christão acolheu-nos de coração. Seremos sempre gratos aos americanos por este auxilio.

Tornamo-nos americanos. Medicos americanos tratam da nossa saude, advogados americanos cuidam das nossas necessidades legais. Esta é a nossa patria — a gloriosa America.

Não desejamos ir para outro logar.

Assim que as leis permitam, entraremos no campo politico. Pela economia temos prosperado. Nada tínhamos quando aqui chegamos, agora a maxima parte tem o sufficiente e alguns gozam da abundancia. De todas as nações estrangeiras, nós talvez somos os que com mais facilidade nos adaptamos ás instituições americanas.

O orador continuou contrastando o caracter e a condição do povo, mostrando que são industriosos, poupados, e geralmente sem embriaguez ou vicios, ou grandes crimes. Os relatorios dos tribunaes comprovam este facto, e só um portuguez tem sido condemnado ao carcere do estado, sendo-lhe concedida clemencia executiva. Ha entre elles o minimo da pobreza e absoluta ausencia de vadiagem. Os portuguezes são dedicados ao estudo; os seus filhos assistem ás escholas, e progridem, e o orador esperava que, n'um futuro, pouco distante, se distinguiriam no desenvolvimento escholastico da nação. Os portuguezes (referindo-se aos emigrados) são protestantes convictos, não tem voltado nenhum d'elles á egreja romana.

Quanto á nossa piedade e zelo religioso, preferimos que os outros nos julguem. Não sejamos orgulhosos, mas demos graças a Deus, de quem vem todas as boas dadivas. Vivamos debaixo da protecção divina para que a causa de Christo não soffra pelo nosso testemunho.

Depois de um bonito cantico intitulado, «Cantico pelos filhos», e composto pelo snr. J. J. Sylvester, fez o snr. Stout, de Jacksonville, algumas reflexões. Fallou da chegada dos portuguezes áquella cidade, e da sua conducta sempre boa. Eram um elemento industrioso, e esperava que continuassem para sempre fieis ás suas convicções religiosas e á sua patria adoptiva, como estava certo que fariam.

O snr. A. Leite, um evangelista chegado ultimamente de Portugal, fallou brevemente. O rev.º Pires leu e traduziu em portuguez uma carta do Mayor, convidando os irmãos de Jacksonville a visitar o Cemiterio de Oak Ridge.

Depois de um cantico, leu o rev.º Pires, as seguintes resoluções, que foram adoptadas unanimemente:

Nós, os portuguezes de Jacksonville e Springfield, reunidos aqui, n'este dia 23 de agosto de 1878, sendo o 32.º anniversario do nosso exilio da Ilha da Madeira, nossa terra natal;

Resolvemos:

1.º Que depois d'uma experiencia de mais de trinta annos, reaffirmemos com todo o nosso coração os principios da liberdade religiosa, a Biblia franca e liberdade para adorar a Deus, segundo os dictames d'uma consciencia instruida, pelos quaes luctámos nós e os nossos paes na nossa terra natal. Justificamos os passos que então foram adoptados em face de severas provações, que acrysolavam as almas, e agrade-

ceamos a Deus os beneficios que temos recebido desde esse tempo nós e os nossos filhos. Sustentamos ainda esses principios, e tencionamos, ajudando-nos Deus, morrer com elles.

2.º Com todo o coração testificamos que o protestantismo evangelico é tão superior ao catholicismo romano como é a luz superior ás trevas, a verdade ao erro, e a sciencia á ignorancia.

3.º Estendemos a nossa sympathia e approvação aos nossos irmãos que luctam com terriveis opposições pelas benções d'um Evangelho puro em Portugal, na Madeira, no Brazil, e outras partes. Continuaremos a pedir por elles e a ajudal-os no seu empenho.

4.º Renovamos e reiteramos o nosso protesto solemne contra as doutrinas erroneas e praticas fataes para a alma, da egreja romana. Desejamos a conversão de todos os seus adeptos á verdade que é no Senhor Jesus Christo.

5.º Resolvemos que sejam publicadas estas resoluções nas folhas de Springfield e Jacksonville, como tambem na imprensa protestante de Portugal e Brazil.

O snr. P. Correia, em nome dos irmãos de Jacksonville, agradeceu aos de Springfield, e resolveu-se que o seguinte festejo annual seja em Jacksonville.

Cantaram outra vez, e separaram-se muito satisfeitos.

(Trad. de R. H. M.)

O ORPHÃO

O parcho de uma das aldéas da nova Inglaterra, passeava n'uma linda tarde de verão, depois de ter gasto toda a manhã em seus estudos. Este, quer por sua idade, quer por sua honradez, merecia a estima de todo o seu rebanho. Propugnador fiel da causa do Senhor, encanecêra prematuramente no serviço de Deus, e para se poder ter nas pernas recorêra ao bordão. Foi á hora solemne em que o sol, escondendo-se por detraz das cumiadas dos montes, allumiava frouxamente aquella aldéa; foi n'essa hora em que a alma se infunde de um prazer melancolico, que o nosso parcho entrou no cemiterio da mesma aldéa. Absorto em seus pensamentos, e entregue á mais profunda meditação, o santo homem não despregava os olhos da sua ultima morada, e arrastando-se de sepultura em sepultura, chegou-se áquella em que jazia sua mulher e tres filhas, que, como a roza, desabrochando ao alvorecer, pende na hastea e se desfolha ao cair da tarde, lhe foram arrancadas pela morte. Arrimado ao seu bastão, escolhia sitio azado, onde em breve deveria descansar em paz, quando ouviu soluços que lhe pareceram ser de um menino. Voltou-se, e pouco longe d'alli viu a cabeça de um menino que chorava e soluçava sobre a sepultura de seu pai, que ha pouco se finára e alli fôra enterado. Com o coração enternecido, chegou-se o bom pastor ao filho do seu amigo, e com a ternura de um pai, levantou e beijou o orphão, cordeiro do seu rebanho, cujas faces pallidas e olhos inchados denotavam que pranto amargo tinha derramado. Sentando-se a seu lado, elle o apertou contra o seu seio, e ouviu o rapaz, que lhe fallou assim:

Senhor, deixai-me chorar por meu pai, que jaz n'esta sepultura, e não quer dar-me mais tão doce nome; não sei se o offendi, e se por isso não me ama

mais; desejo perguntar-lhe se se esqueceu de mim, e de me beijar como outr'ora fazia. Ah! se elle quizer ser de novo meu pai, prometto nunca mais offendel-o: dizem-me que morreu! Se assim é ficarei sentado aqui toda a noite a chorar por elle; não me calarei enquanto meu pai não me acudir. Mas elle não ha de vir, não, porque poucos dias antes de o esconderem n'esta cova, me disse — oh! nunca me hei de esquecer d'isto? sim, disse-me, que nunca mais eu o havia de ver, e que nunca mais teria eu outro pai; e, passando a mão pelos meus cabellos, disse-me que depois de sepultado, eu me devia tornar um bom rapaz, e amar a Deus! — ó meu pobre pai!!!

O sensível parochó, apertando a mão do triste menino, inundou de lagrimas os assetinados cabellos do orphão, e antes de responder ás suas queixas, tratou de alcançar toda a sua confiança para entregal-o depois a um pai que nunca o desamparasse. Com paciência satisfez á sua curiosidade a respeito da morte — dizendo-lhe que esta era um somno profundo, mas que Deus, algum dia, despertaria os mortos: disse-lhe como a morte viera ao mundo e fe-lo comprehender que era ella a consequência do peccado. Explicou-lhe a natural depravação do coração, e provou que nós, viventes, semelhantes ás ovelhas desgarradas, nos desviamos sempre do caminho da virtude: e discorrendo sobre os attributos de Deus, provou — que o Omnipotente era misericordioso e justiceiro, e que Jesus Christo viera ao mundo para salvar-nos. — Explicou-lhe depois o fim principal do homem, e concluiu assim:

— Perdeste, meu menino, um pai carinhoso; mas eu achei outro para vós, e este nunca ha de desamparar o pobre orphão.

— Mas disse-me, o que é ser orphão?

— É ficar sem aquelles que nos deram o ser.

— Ah! sim, e o que é ser um pobre orphão?

— O pastor ficou enternecido, mas replicou-lhe:

— É ficar sem meios e sem seus pais.

— Ah! eu quizera, disse o menino com toda a simplicidade do seu coração, eu quizera ser um pobre orphão, se Deus me quizesse para seu filho.

O bom ministro chorou, e viu logo que a vontade do menino podia ser satisfeita. Creio que Deus hade ser vosso pai. Sabeis quão transitoria é a nossa vida, e como é certa a morte — e que devemos preparar-nos para ella, e dedicar nossa existencia a Deus, esperando pela morte em paz. E não só quero que sejaes bom até que encontreis vosso pai no céu, como que enquanto viverdes, façais bem ao proximo.

O pastor segurou na mão do menino, e ambos oraram junto da sepultura. A oração era para que Deus soccorresse ao pequeno orphão.

O reflexo das estrellas espargia apenas frouxo o clarão no cemiterio, e foi então que o pastor levou o pobre orphão a admirar as maravilhas de Deus, e o orphão no seu pasmo exclamou:

— Foi meu Pai o auctor d'ellas!

Conduziu depois o orphão ao lugar de sua residencia, consolou-o na sua dôr, e prometteu adoptal-o por seu filho; porem Deus determinára o contrario. O santo pastor cahiu gravemente enfermo, e da sua casa, onde por tantos annos dera subidas provas de virtude, sua alma fugiu das ciladas da corrupção e dos peccados do mundo transitorio, e recolheu-se ao seio de seu Redemptor, ficando assim novamente orphão o pobre menino.

Com a morte do ministro, o pobre menino ficou desamparado no mundo. Poucas pessoas se compadeceram d'elle, mas todos admiravam a sua profunda dôr, e apenas enxugavam as lagrimas que elle, a cada passo, derramava. Deus não o desamparou.

Na idade de dezesseis annos experimentou elle a graça de Deus, e lembrando-se do seu encontro com o pastor e dos seus conselhos dedicou-se ao serviço Divino, e entrou no curso dos estudos para o ministerio do evangelho.

(Imp. Evang.)

NOTAVEL FALSIFICAÇÃO

Na assembléa de Trento e na sessão de 11 de novembro de 1563 tractou-se da doutrina do matrimonio sob o duplo ponto de vista de contracto (casamento civil), e de sacramento (casamento religioso). Para separar estes dous actos ambos legaes serviram-se os padres da seguinte phrase:

«Cum igitur matrimonium in lege evangelica veteribus connubiis per Christum GRATIAM praestet... sancti patres semper docuerunt» o que em bem claro portuguez queria dizer: Como pelos merecimentos de Christo a santificação religiosa confira graça aos casamentos... a igreja contou sempre este acto da santificação no numero dos sacramentos, etc.

Esta redacção lê-se em todas as cópias manuscritas e impressas n'aquelle anno; mas como mais tarde Roma visse n'este modo aliás clarissimo de afirmar a doutrina o perigo de não poder *ella e só ella* usufruir o privilegio de constituir a familia propriamente dicta, foi-se ao accusativo *gratiam* e cortou-lhe o *m* afim d'este nome passar para o ablativo; e, alterando a significação do verbo *praestare*, conseguiu pelo roubo apenas d'uma letra roubar ás christandades latinas o seu maior e mais importante direito, o direito da constituição do santuario domestico.

O nosso primeiro historiador, Alexandre Herculano, accusando este escandalo, diz ao castello de Santo Angelo, onde se acham afferrolhadas as actas originaes d'esta assembléa de Trento:

Castello de S. Angelo, o que dirias tu, se fallasesses!

E que dirão os jornaes neo-catholicos, aos quaes de preferencia offerecemos esta eloquentissima prova da abnegação dos romanos pontifices? Veremos.

Therestus.

UM OUTRO NOME

Disse Jesus, antes de se despedir dos seus discipulos:

«Tudo o que pedirdes ao Pae EM MEU NOME, eu vol-o farei, para que o Pae seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma cousa EM MEU NOME, essa vos farei». (S. João XIV, 13, 14).

«Para que tudo quanto pedirdes a meu Pae EM MEU NOME, elle vol-o conceda». (S. João XV, 16).

«Em verdade, em verdade vos digo: se vós pedirdes a meu Pae alguma coisa EM MEU NOME, elle vol-a ha-de dar. Vós até agora não pedistes nada em meu Nome: Pedi, e recebereis, para que o vosso gozo

seja completo. *N'aquelle dia PEDIREIS VÓS EM MEU NOME*. (S. João XVI, 23, 24, 26).

Os apóstolos, tão divinamente ensinados, não se esqueceram d'este poderoso meio de fazer bem.

Quando Pedro, pouco depois do Pentecostes, entrava no Templo, respondeu ao aleijado que lhe pedia uma esmola:

«*Não tenho prata nem ouro: mas o que tenho isso te dou: EM NOME DE JESUS CHRISTO NAZARENO levanta-te e anda*». O homem deu um pulo e ficou são, e correndo o povo a ver o que isto seria, explicou o Apóstolo que não era por virtude propria que tinha sarado o homem, mas sim pelo poder de Jesus: **E NA FÉ DO SEU NOME confirmou seu mesmo Nome a este, que vós tendes visto, e conheceis: e a fé, que ha por meio d'elle, foi a que lhe deu esta inteira saude á vista de todos vós». (Actos dos App. III, 6, 16).**

Estas doutrinas não podiam ser toleradas pelos sacerdotes, e no dia seguinte, em pleno tribunal, perguntaram-lhe: «*Com que poder, ou em nome de quem fizestes vós isto?*»

Respondeu o Apóstolo:

«*Se a nós hoje se nos pede razão do beneficio feito a um homem enfermo, com que virtude este foi curado, seja notorio a todos vós, e a todo o povo a Israel: QUE EM NOME DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO NAZARENO, a que vós crucificastes, a quem Deus resuscitou dos mortos, NO TAL NOME QUE DIGO, É QUE ESTE SE ACHA EM PÉ DIANTE DE VÓS, JÁ SÃO. Esta é a pedra, que foi reprovada por vós architectos, que foi posta pela primeira fundamental do angulo: E NÃO HA SALVAÇÃO EM NENHUM OUTRO, PORQUE DO CÉO ABAIXO NENHUM OUTRO NOME FOI DADO AOS HOMENS, PELO QUAL NÓS DEVAMOS SER SALVOS*». (Actos IV, 7, 9, 10, 11, 12).

E assim continuaram todos os Apóstolos, prégando a salvação e operando curas, tudo no mesmo Nome divino. E nunca mudaram n'este ponto.

S. Thiago, no fim da sua vida, escreveu: «*Está entre vós algum enfermo? Chame os Presbyteros da Egreja, e estes façam oração sobre elle, ungiendo-o com oleo EM NOME DO SENHOR: e a oração da fé salvará o enfermo, e o SENHOR o alliviará: e se estiver em alguns peccados, ser-lhe-hão perdoados*». (S. Thiago V, 14, 15).

S. Paulo nos declara que «*Deus tambem o exaltou, E LHE DEU UM NOME QUE É SOBRE TODO O NOME; para que ao Nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céos, na terra, e nos infernos*». (Philip. II, 9, 10).

E recommenda o seguinte: «*Tudo quanto quer que fizerdes, seja de palavra ou de obra, fazei tudo isso EM NOME DO SENHOR JESUS CHRISTO, dando por Elle graças a Deus, e Padre*». (Col III, 17).

Mais tarde ainda, quando todos os mais Apóstolos provavelmente tinham passado para mundo melhor, escreve S. João na sua extrema velhice:

«*Eu vos escrevo estas coisas: para que saibaes que tendes a vida eterna, os que crêdes NO NOME DO FILHO DE DEUS. E esta é a confiança que temos n'elle: que em tudo quanto lhe pedirmos, elle nos ouve, sendo conforme á sua vontade*». (1.ª João V, 13, 14).

Era esta a crença antiga. Recorriam os afflictos a Jesus ou aos seus Apóstolos, e eram logo curados pela fé n'elle; e peccadores sem numero, em todas as epochas, tem alcançado allivio para o corpo e alma pelo mesmo meio. Hoje, porém, mudou tudo isto. Parece que, em certos logares, o Nome de Jesus cahiu em desuso. Ha um outro nome, hoje preferido. S. Pedro, apesar de inspirado, enganou-se quando disse

que *não havia nenhum outro* que nos pudesse salvar. Isso já está fóra de moda, e o paralytico, o aleijado, o thysico, ou outro qualquer infeliz que carece do auxilio do céo, deve ir procurar allivio **EM NOME DE NOSSA SENHORA DE LOURDES!!**

R. H. M.

Estudos Biblicos

(Continuado do numero antecedente)

Todo aquelle que vem a mim não o lançarei fora. (S. João VI, 37).

COMO É QUE HEI DE IR TER COM ELLE ?

COMO PECCADOR

«Eu vim chamar não os justos, mas os peccadores ao arrependimento». (Luc. V, 32).

«Fiel é esta palavra e digna de toda a acceitação: que Jesus Christo veio a este mundo para salvar os peccadores». (1.ª Tim. I, 15).

CRENDO N'ELLE

«Porque assim amou Deus ao mundo que lhe deu a seu Filho; para que todo o que cré n'elle não pereça mas tenha a vida eterna». (S. João III, 16).

«Que é necessario que eu faça para me salvar. Cré no Senhor Jesus Christo e serás salvo tu e tua familia». (Actos. XVI, 30, 31).

«E a vontade de meu pai que me enviou é esta: que todo o que vê o Filho, e cré n'elle tenha a vida eterna». (S. João VI, 40).

QUANDO É QUE HEI DE IR A JESUS ?

AGORA MESMO

«Eis aqui agora o tempo acceitavel, eis aqui agora o dia da salvação». (2.ª Cori. VI, 2).

«Se hoje ouvires a sua voz, não queiraes endurecer os vossos corações». (Salm. XCIV, 8).

O QUE ME ACONTECERÁ SE NÃO VOU TER COM ELLE ?

Como escaparemos nós, se despresarmos tam grande salvação? (Hebr. II, 3).

«Aos maus destruirá rigorosamente». (Mat XXI, 41).

«Porque eu vos chamei e vós não quizestes ouvir-me... desprezastes todos os meus conselhos... tambem eu me ri de vossa morte e zombarei de vós», (Prover. I, 24 a 26).

AQUELLE QUE VEM A MIM NÃO O LANÇAREI FÔRA

Mas eu sou um grande peccador? dizes tu.

Não o lançarei fóra — disse Christo.

Sou um peccador endurecido!!!

Não o lançarei fóra — disse Christo.

Servi a Satanaz toda a minha vida?!

Não o lançarei fóra — disse Christo.

Pequei contra a caridade?!

Não o lançarei fóra — disse Christo.
Não tenho cousa boa que possa offerecer.
Não o lançarei fóra — disse Christo.

NOTICIARIO

O snr. D. Antonio d'Almeida e a «Palavra» — Aquelle catholico sujeito, bem conhecido n'esta cidade pelos leilões em favor do defunto *infallivel* Pio IX, e esta respeitavel folha, matrona do snr. D. Miguel, o *petis*, e biliosa defensora do papismo n'estes reinos, dirigem-nos, em um dos ultimos numeros, certas picuinhas, as quaes lhe recambiaremos d'aqui a quinze dias, visto só agora, proximo a entrar a nossa folha no prelo, termos conhecimento das intenções felinas do beato D. Antonio e da beatissima «Palavra».

No proximo numero fallaremos, ó leiloeiros da Santa Madre Igreja Romana !!.

Novo jornal Protestante em França — Projecta-se na França um jornal protestante a um sou (10 reis).

Na politica será republicano, e ao passo que dará noticias geraes, será órgão especial do movimento protestante. A administração geral e a redacção estarão nas mãos de pessoas que têm renunciado o romanismo e formalmente entrado nas fileiras protestantes. As questões dogmaticas e ecclesiasticas das igrejas evangelicas da França não serão discutidas. A sua missão será aconselhar aos proselytos que vão á igreja mais proxima e mandem inscrever as suas familias como protestantes.

Não tratará de evangelisação, propriamente dita. Procurará simplesmente induzir os leitores a entrar nas fileiras protestantes. Ao mesmo tempo guerreará o clericalismo e o materialismo. Attingiu a cifra de 130:000 francos o capital já subscripto, porem só darão principio á obra quando elle chegar a quasi o dobro. O titulo da folha será «Le signal» e o redactor será M. Eugene Reveillard.

Excommunhão — Lê-se na «Crença Libral» de Lisboa:

«No domingo, antes da missa do dia, na igreja de Santa Maria de Belem, o snr. prior leu uma pastoral do snr. patriarcha lançando anathema e impondo a pena de excommunhão maior ao presbytero Antonio Ferreira Miranda, por motivos que nos abtemos de expor. A pastoral determina os maiores rigores para todos os que de ora em diante fallem ou tenham a menor relação com o referido excommunhão, chegando a declarar que será obrigação de qualquer pessoa sair de um vehiculo de transporte publico, caso o snr. Ferreira Miranda n'elle entre!»

Agora duas observações nossas, apenas:

S. Paulo, na sua carta ao fiel Thimotheo diz-lhe, no Cap. I, versiculo 5: «o fim do preceito é a caridade, nascido d'um coração puro, e d'uma boa consciencia, e d'uma fé não fingida». Como, pois, diferem as opiniões de S. Paulo e do snr. Patriarcha de Lisboa !!

Como receberão porém, o disparate as empresas de viação publica?

Sempre, sempre impossiveis de supportar!!!.

Bismark e o Vaticano — Um telegramma de Roma, referindo-se ás negociações entre a Allemanha e o Vaticano, diz que Bismark se recusa a chamar outra vez os bispos expulsos.

Um signal dos ultimos tempos — De um jornal estrangeiro extrahimos o seguinte, que vai sem commentario:

«De uma carta recentemente remettida pelo Snr. D. Mentor Mott, de Beyrot, consta a seguinte singular noticia:

«No meio de tantas calamidades que actualmente affligem as nações, levando-as a um estado de perplexidade, quando os animos se abatem, os corações pulsam tremendo de medo e todos aguardam os acontecimentos que sobrevirão ao mundo, apparece aqui, no seio d'este povo, um dos signaes predictos dos ultimos tempos: «Falsos prophetas e falsos Christos se levantarão e enganarão muitos» (S. Marcos, XIII: 6, 22).

Já se levantou aqui um falso Christo. É americano de nascimento, e seu porte e maneiras delicadas atrahem a attenção de todos. Foi o seu primeiro acto mandar um retratista tirar-lhe o retrato, sendo a sua permanencia de poucos dias n'esta cidade, nos quaes se mostrou deseioso de ir a Jerusalem assistir á festa, promettendo voltar a Beyrot logo que ella terminasse.

«Desejando algumas pessoas conhecer o seu poder de praticar actos milagrosos, pediram-lhe que antes de partir, se dignasse curar uma mulher que estava enferma, ao que se recusou dizendo: «Ainda não é chegado o meu tempo.»

«Elle partiu, com effeito, e do logar onde se acha dirigiu a este povo uma circular blasphema, na qual se expressa peia seguinte fórma: «De David, o Christo, a todas as nações do mundo», e aconselha ás almas, que estão no mundo, que o caminho unico, pelo qual podem alcançar a graça e a misericordia de Deus, é estarem em communhão com elle, ouvirem os seus conselhos e andarem de accordo com as suas determinações.»

A ser exacta esta carta, aqui temos uma prova das prophcias de Jesus-Christo, que viriam muitos em seu nome e enganariam a muitos. Este facto, porém, não é moderno, porque S. João diz: «O mysterio da iniquidade já de presente se obra.»

É mister que os falsos Christos, dos quaes diz Jesus que serão muitos, se apresentem sob varias e determinadas fórmas.

Este é um dos taes, não obstante já existirem outros, porque tambem S. Paulo diz que «nos ultimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espiritos de erros e a doutrinas de demonios, que com hypocrisia fallarão mentiras, que terão cauterisada a sua consciencia, que *prohibirão casar-se*; que se faça uso das viandas que Deus creou, etc.» (1.ª Tim., 4: 1, 3).

Publicação pontificia — Diz o «Seculo», de 21 do corrente, que Leão XIII vai publicar em Roma um periodico, órgão dos interesses da igreja na Italia, dirigido por pessoas extranhas ás luctas jornalisticas e tambem um diario francez destinado a espalhar no estrangeiro as verdadeiras condições do pontificado da igreja.

Se as doutrinas do novo órgão tiver por base os principios da Escriptura, não sophismados, decididamente os interesses da igreja terão de naufragar; a sua discussão, porém, cremos que não sahirá do sedicho terreno das inversões da Escriptura, porque sómente violando-a, é que o pontificado romano poderá conservar a sua autonomia, embaindo os incautos, como é de costume.

ANNUNCIOS

A REFORMA

FOLHA QUINZENAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, RUA DA BOA-VISTA, 497. PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta feira de cada mez.

Custo d'assignatura — (paga adiantada) Anno 240, semestre 120 reis: para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se collecções completas da «Reforma» do 1.º anno: para a cidade custa 240 reis, e para as provincias 250.

É agente da REFORMA em Lisboa o Ill.ºmo snr. José Carvalho—Egreja presbyterianna, rua das Janellas Verdes.

Acha-se tambem á venda na mesma cidade, nos dias immediatos ao da publicação, em casa do Ill.ºmo snr. Alexandre José Alves, rua de S. Bernardo n.º 23, loja de mercearia.

CULTOS

PORTO—Largo do Coronel Pacheco — Todos os domingos ás 10 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quintas-feiras ás 7 1/2 da noite. Aula biblica nos domingos ás 9 horas da manhã.

VILLA NOVA DE GAYA — Logar do Torne ao pé do tunel — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as terças-feiras ao anoitecer.

LISBOA—Egreja presbyteriana, Rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart. Cultos inglezes— Todos os domingos ás 11 1/2 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, ás 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

Na mesma egreja. Ministro, o snr. Manoel dos Santos Carvalho. Cultos portuguezes — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 4 da tarde, e todas as quintas-feiras ás 7 da noite.

Aula biblica todos os domingos ás 3 da tarde e terça-feira ás 7 da noite. — Na rua de S. Miguel á Estrella 85, 3.º, culto todos os domingos ás 7 da noite. Na calçada do Cascão 5, 2.º, todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde. No largo de S. Barbara, Arroios 24, loja, todas as sextas-feiras ás 7 da noite.

P.º GUILHERME DIAS

Sermão recitado na inauguração da abertura da capella evangelica methodista portugueza. Preço 120 reis.

Restam ainda alguns exemplares, os quaes se acham á venda n'esta redacção, e nas capellas da cidade e Villa Nova, todos os dias, excepto aos domingos. Remette-se para as provincias franco de porte.

Deposito de tractados e livros

LISBOA, JANELLAS VERDES N.º 4

OBRAS PUBLICADAS

Lucilia ou a inspiração das Escripturas, 324 pag. — 100 reis
 Preservativo contra Roma, 128 pag. — 50 reis.
 A joven aldeana, 48 pag. — 40 reis.
 Vinde a Jesus, 64 pag. — 40 reis.
 Textos Biblicos, 187 pag. — 300 reis.
 Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag. — 20 reis.
 Não se deve mudar de religião, 16 pag. — 10 reis.
 Erric, o criado russo, 16 pag. — 10 reis.
 O amigo da casa, 32 pag. — 20 reis.
 O amigo dos peccadores, 48 pag. — 40 reis.
 O livro dos livros, 56 pag. — 40 reis.
 Um homem que matava os seus visinhos, 23 pag. — 30 reis.
 Uma antigualha, 16 pag. — 20 reis.
 André Dunn, 77 pag. — 40 reis.
 Hymnos portuguezes (1 vol. encadernado), 215 pag. — 100 rs.
 Devocionarios, 30 pag. — 20 reis.
 Evidencias do Christianismo, 76 pag. — 50 reis.
 Como devemos entender a Biblia Sagrada? 15 pag. — 10 reis.
 O menino da Matta, 32 pag. — 30 reis.
 Jessica, 44 pag. — 40 reis.
 O padre Jacintho, 16 pag. — 10 reis.
 A doutrina da Egreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag. — 50 reis.
 Biographia de Martin Boos, 188 pag. — 80 reis.
 Sou Christão? Como o posso saber? 92 pag. — 60 reis.
 O que é um sacramento, 44 pag. — 30 reis.
 O culto domestico, 48 pag. — 20 reis.
 Um homem que abalou o mundo, 80 pag. — 30 reis.
 Luz do Céu. 126 pag. — 60 reis.
 O que crêem os protestantes, 24 pag. — 15 reis.
 O Correio francez, 20 pag. — 20 reis.
 Como lêes tu? 46 pag. — 30 reis.
 O Culto publico. — O domingo, 20 pag. — 20 reis.
 O Vigario de Christo. — O Calvario, 22 pag. — 20 reis.
 A Chamada. — A folha ensanguentada, 24 pag. — 20 reis.
 Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag. — 20 reis.
 Um livro maravilhoso, 12 pag. — 10 reis.
 O amor de Deus, 8 pag. — 10 reis.
 Os dois Guilhermes, 29 pag. — 20 reis.
 Trinta livrinhos, cada um, 7 pag. — 5 reis.
 Caminho de Deus para a paz, 150 pag. — 50 reis.
 Amigo da Infancia sae cada mez a 10 reis. (com lindas gravuras) e em volumes encadernados dos dois ultimos annos a 300 reis.
 Um sortimento de livros em inglez de varios preços.
 Pacotes de cartões illuminados e com textos da Biblia, a varios preços.
 Do valor de 100 reis para cima, expedem-se estas publicações franco de porte.

Deposito onde se acham á venda as Sagradas Escripturas

LISBOA — Janellas Verdes N.º 28.

PORTO—Egreja Evangelica, Largo do Coronel Pacheco.

MADEIRA — Rua da Queimada de Cima, 50.

N'estes depositos encontram-se as sagradas Escripturas em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originaes, Grega e Hebraica.

Biblias, traducção de Figueiredo — 500 reis.

Idem, traducção de Almeida — 500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo — 100 reis.

Idem, traducção de Almeida — 100 reis.

Psalmos, traducção de Almeida — 50 reis.

Evangelho, traducção de Almeida — 30 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros, com ricas encadernações que se vendem por diversos preços.

EDITOR RESPONSÁVEL—G. P. DIAS DA CUNHA

Typ. de Viuva Bandeira, Tappas, 85. Porto